

# **(Trans)formação analítica: uma busca de novos caminhos**

Cláudia Spieker Azevedo<sup>1</sup>

*“A formação do psicanalista é,  
antes de tudo,  
um processo complexo e ‘metamórfico’,  
não apenas um saber intelectual...”*

(Marisa Queiroz)

Preciso de fôlego para nadar contra as demandas da vida cotidiana, pois sinto-me na contramão das exigências da sociedade atual, tão pautada pela aceleração e superficialidade. Preciso de tempo para efetuar esse trabalho tão solitário, para que as transformações internas possam ocorrer gradativamente. Preciso de ousadia para enfrentar as vicissitudes do trabalho clínico, no qual me aventurei há pouco mais de dois anos e que tanto encantamento me desperta desde então. Mas também preciso de companhia para trilhar essa “viagem” rumo às questões do inconsciente.

Assim, nasceu o desejo de escrever este trabalho sobre o meu processo de (trans)formação, enquanto analista, nesses quase três anos da Formação Psicanalítica, privilegiando, neste momento, dois pilares do tripé, os que a instituição provê, a supervisão e os seminários, deixando a análise para um próximo artigo.

A “companhia” dos colegas, dos coordenadores de seminários e das supervisoras tem me proporcionado, ao longo dessa jornada, uma experiência única, na qual uma sensação de estranhamento faz-se presente em muitas situações. Se,

---

<sup>1</sup> Psicanalista em formação, Membro Provisório do CEPdePA.

por um lado, o não saber se apresenta de forma tão avassaladora – que dá uma sensação inicial difícil de suportar –, por outro, oferece uma possibilidade de ampliação de minha capacidade reflexiva.

Início, então, com uma vinheta clínica. Fernanda entrou na sala de análise, largou seus pertences no chão e deitou no divã. *Deitou no divã*, pensei. Era a primeira vez que ela deitava, ou melhor, era a primeira vez que uma analisanda minha deitava no divã. Que sensação! Um silêncio, me ajeitei na poltrona. *É só pensar alto*, falei depois de alguns minutos. Ela riu e começou a falar.

Eu estava esperando por esse momento, mas, ao mesmo tempo, me perguntava como iria me sentir. Rubin (2019), na Jornada dos Membros Provisórios do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA), enfatizou que um analista se faz no divã, como muito discutimos no nosso primeiro ano da Formação, mas acrescentou *com o divã*. Na supervisão, eu já vinha trabalhando essa minha inquietação e buscando brechas para que o divã entrasse em cena na minha sala de análise. Ao escutar a narrativa dessa analisanda, desde essa nova perspectiva, percebi o quanto o seu olhar capturava a minha atenção, quando estava sentada na poltrona à minha frente. Acompanhando apenas a sua fala, observei que eu estava mais à vontade para que suas questões encontrassem um eco dentro de mim, bem como mais conectada com os sentimentos contratransferenciais que ela me despertava, valorizando-os como uma bússola para indicar um caminho. Em várias sessões, eu estava mais tranquila para escutar Fernanda em sua caminhada para desvelar os mistérios de seu mundo interno. Muitas vezes, porém, sentia-me angustiada, tentando compreender sua conflitiva.

Freud (1909, p. 74) aconselha, aos que ainda não conduziram uma análise, “[...] que não tentem compreender tudo de uma vez, mas que deem um tipo de atenção não tendenciosa para todo ponto que surgir e aguardem desenvolvimentos posteriores.”. Sendo assim, procurei escutar sua narrativa, como também suas comunicações não verbais, deixando-me flutuar na cadência de suas associações e seguindo as alterações no seu ritmo. Em consonância, Menezes (2020, p. 12) considera que o analista precisa mostrar-se “[...] sensível às fissuras, aos restos clandestinos, a alguma hesitação inesperada, às falhas... a um ato falho, por exemplo.”.

No decorrer das supervisões, diferentes aspectos do trabalho foram sendo incluídos, bem como a problemática de outros analisandos, ampliando as discussões sobre questões teóricas e técnicas. Contudo, identificar o que está endereçado a mim e compreender o lugar que eu ocupo na transferência de cada um ainda é um desafio. Possibilitar o encontro do meu inconsciente com o inconsciente do analisando – tendo como premissa questões técnicas formuladas por Freud, no início de seu trabalho, como a associação livre e a atenção flutuante – requer me autorizar a ocupar o lugar de analista e deixar-me tocar pelo inesperado, buscando indícios para entender a conflitiva do sujeito em sofrimento, sem entrar em seu jogo neurótico. A abstinência, tão enfatizada por Freud, demanda de nós, analistas, uma renúncia aos diferentes “convites” dos analisandos, que desviam a nossa atenção do recalcado que se apresenta de forma disfarçada na sessão.

Sendo assim, compartilhar as inquietações que essa escuta faz reverberar dentro de mim com as minhas supervisoras proporcionou-me uma experiência singular. Ao relatar as sessões dialogadas, questões que passaram despercebidas no calor da sessão, muitas vezes, “saltavam” aos meus olhos e aos ouvidos. *Como pude não perceber isso?* – me perguntava. Porém, mesmo com esse trabalho de *dar-me conta*, prévio ao momento da supervisão propriamente dito, ao ler o material do analisando e ao explicitar sentimentos que vivenciei na sala de análise, as questões apontadas pela supervisora revelavam aspectos que, algumas vezes, eu não percebera. Por outro lado, ao escutar a minha própria narrativa, novas inquietações se apresentavam, permitindo pensar a conflitiva do analisando sob outros ângulos não cogitados por mim anteriormente. Ou seja, no momento da supervisão, acontece um encontro propício para a explicitação de ideias que se potencializam, isto é, uma interlocução (supervisora e analista em formação) que possibilita a abertura de um espaço dentro de mim para que uma escuta mais sensível possa ir se constituindo. De acordo com Leite (2020, p. 182), “[...] no interminável e complexo processo de vir a ser, não é possível acreditar na possibilidade de apreensão da Psicanálise através de vias racionais. [...] enquanto uma experiência clínica especial, é estruturada a partir da vivência da transferência.”

Ao receber um novo analisando, muitas vezes, me assustava com o sofrimento explicitado nas primeiras sessões. Porém, ao trabalhar o material em supervisão, um

sentimento de entusiasmo me movimentava no sentido de entender as especificidades do caso e de construir algumas hipóteses, transformando a minha angústia inicial em uma mola propulsora para um engajamento efetivo no caso. Ferraz (2018) – convidado da Jornada do CEPdePA, realizada em outubro de 2018 – destacou que a inexperiência do analista em formação é compensada por seu entusiasmo.

Gostaria de ressaltar que, mesmo me sentindo muito envolvida com a Formação Analítica, o meu entusiasmo também foi alimentado nas supervisões, o que me ajudou a tolerar o não saber. Cabe pontuar que essa dificuldade – de tolerar o não saber – não é restrita ao período de Formação, mas faz parte do cotidiano de todos que se ocupam em genuinamente escutar o sofrimento do outro. Construí com as minhas supervisoras um espaço de confiança, no qual me senti muito à vontade para trazer minhas inquietações, algumas vezes, atreladas a aspectos pessoais. Ao longo desse período, fui experimentando uma maior segurança, o que favoreceu uma ampliação da minha clínica, em qualidade e quantidade, inclusive.

Além dos efeitos vividos e sentidos a partir dos espaços de supervisão, nesses três anos, ficou claro para mim o quanto, no espaço dos seminários, as questões discutidas, a partir da leitura e do estudo prévios dos textos, com os colegas e coordenadores ganham um outro sentido, muito diferente do trabalho na sala de análise. Ou seja, é preciso vivenciar esses diferentes aspectos na clínica, enquanto analista, para que possa acontecer um entrelaçamento entre eles e para que, gradativamente, sejam internalizados, a fim de que nos ajudem a refinar a escuta e a elaborar as intervenções necessárias no momento adequado. Tarefa nada fácil para uma analista em formação.

Durante os debates nos seminários, ou ao participar da apresentação de casos clínicos – quando as questões referentes às intervenções dos analistas eram tratadas –, ficava com a sensação de que eu ia identificando algumas das recomendações pontuadas por Freud, ao longo de sua obra. Porém, as vivências na sala de análise revelavam o quanto isso não é tão simples. Por exemplo, em algumas situações, as demandas explicitadas pelos analisandos, suas curiosidades e perguntas, convocaram-me a responder sem me preocupar em investigar o que realmente estavam me questionando. O que parecia tão simples de se reconhecer mostrou-se um aspecto a ser melhor observado.

Importante destacar que o meu desejo de ingressar na Formação Psicanalítica nasceu e foi lapidado em minha análise pessoal. Sou psicóloga, e a minha experiência de 29 anos na área escolar impulsionou-me na busca de um novo caminho para ampliar o meu entendimento sobre o desenvolvimento infantil e as vicissitudes do trabalho com diretores, coordenadores, professores e famílias dos alunos das escolas em que eu trabalhava. Quando iniciei a minha aproximação com diferentes instituições de Formação, eu tinha a ilusão de que a minha participação apenas nos seminários teóricos possibilitaria a ampliação de um referencial teórico para compreender as questões suscitadas no ambiente escolar. Porém, logo descobri que as instituições formadoras não abriam mão do tripé – supervisão, seminários e análise pessoal.

Apesar do receio de me aventurar na clínica, não desisti do meu projeto e, hoje, percebo o quanto esse trânsito inicial em diferentes instituições e a participação em grupos de estudos desvelaram um desejo – novo, mas adormecido até então – de vivenciar os desafios que a escuta de analisandos provoca. Assim, deixo conta do quanto eram ingênua a ideia inicial e a crença de que uma Formação poderia ser *capenga*. Dito de outro modo, pensar um projeto dessa magnitude, no qual um dos pilares do tripé ficasse de fora – no caso, a supervisão – seria desconsiderar a essência do objeto psicanalítico. Compreendi, com as minhas vivências na clínica, que a construção da identidade de um analista requer cautela, para que a psicanálise não seja tomada de maneira superficial. O tripé da Formação nos dá o contorno para que possamos, cada um do seu jeito e no seu tempo, realizar as transformações internas necessárias. Como ressaltam Hausen e Paim Filho (2010, p. 133), “[...] a clínica forja a teoria e, por outro lado, a teoria dá sustentabilidade à clínica.”

Além disso, a análise dos casos atrelada às questões da metapsicologia freudiana, tão enfatizada nos seminários do segundo ano, incentivou-me a ir criando as minhas próprias intervenções. Menezes (2020, p. 10) destaca que “A metapsicologia não opera tanto como recurso explicativo, mas, sobretudo, como suporte para a inventividade teórico-clínica do analista.” Ou seja, além de todo um sólido referencial teórico, o processo analítico requer criatividade por parte do analista para pensar suas intervenções, tendo presente o sofrimento do analisando.

Ao mesmo tempo, o meu trabalho na clínica foi suscitando, durante a Formação, uma pesquisa mais independente de leituras complementares que me ajudassem a articular os conceitos que estávamos discutindo nos seminários, como também a busca por um maior entendimento da problemática psíquica de meus analisandos. Essa abertura aconteceu paulatinamente, na medida em que me permiti escolher caminhos alternativos para ampliar a minha Formação, atrelada ao estudo dos textos do programa. Acredito que essa liberdade é fundamental, pois, ao procurar textos de diferentes psicanalistas, ou textos ainda não trabalhados do próprio Freud, comecei a me autorizar a trilhar uma rota, de autoria própria, para enriquecer a minha construção enquanto analista.

Pensando o processo de formar-me analista à luz da constituição psíquica proposta por Freud, em *O projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]), creio que a busca dessa rota alternativa, ainda no período de realização dos seminários, possibilita-me a abertura de *vias colaterais*, que podem gerar novas ramificações ao longo do meu percurso, pois o trabalho de escuta do sofrimento psíquico do outro demanda um aprofundamento teórico constante. Nessa direção, Eizirik (2015) alerta-nos sobre o perigo de privilegiarmos a ideia de que a identidade do analista possa ser *obtida* e, assim, desconsiderarmos a longa trajetória desse processo pessoal que acompanha o analista durante toda sua vida profissional. Ele ressalta que talvez mais difícil do que *tornar-se* analista seja *manter-se* como tal “[...] em face das inúmeras tentações de relaxar no trabalho indispensável com o inconsciente dentro de um campo analítico que necessita ser mantido e protegido constantemente.” (EIZIRIK, 2015, p. 63).

Sendo assim, a construção dessa rota alternativa, pelas *vias colaterais* – tomando emprestado conceitos postulados por Freud (1950 [1895]) –, tem me possibilitado um trabalho individual de articulação entre a minha prática e a teoria. “Nesse sentido, o saber do teórico se torna plástico e fonte de significação a cada analisando.” (HAUSEN; PAIM FILHO, 2010, p. 140). Por vezes, ao finalizar a leitura e o estudo de um texto, tenho que fazer uma pausa para encontrar uma *ligação* entre as ideias e os conceitos trabalhados pelo autor e os meus conhecimentos anteriores, ou seja, para tecer uma teia na qual diferentes conexões sejam estabelecidas, propiciando a criação de novos significados para preencher as

lacunas que a leitura revelou. Dessa forma, sinto-me também mais vitalizada para postular novos interrogantes e, assim, avançar na constituição de uma identidade própria.

Ao escrever sobre os seminários no processo de transmissão da psicanálise, Francischelli (2010) cita Kehl<sup>2</sup> para destacar que, a fim de adquirir o estatuto de experiência, uma vivência precisa ser compartilhada com alguém. Segundo esse autor, podemos observar esse compartilhamento tanto nos seminários quanto na análise pessoal, “[...] porém, com as marcas que diferenciam ambos os lugares, diferenciando-os, rapidamente, como complemento, o inconsciente no divã e o texto no seminário.” (KEHL, 2009 *apud* FRANCISCHELLI, 2010, p. 148).

Arrisco-me a dizer que, no caso da supervisão, é o material do analisando que, ao ser compartilhado, ocupa esse lugar. Assim, ao ser narrada, a vivência na sala de análise com cada analisando ganharia o estatuto de experiência. Acredito que, da mesma forma que as minhas inquietações me incentivaram a buscar um caminho alternativo na leitura de textos complementares, o trabalho na supervisão possibilitou a abertura de *vias colaterais*, para que eu pudesse refletir sobre o sofrimento psíquico de diferentes ordens, sob novas perspectivas, desviando, paulatinamente de *vias facilitadas*, buscando novas formas de *pensar*, enquanto analista em (trans)formação.

Antes de finalizar, gostaria de destacar que o meu desafio de manter uma escuta sensível continua. Para tanto, a companhia dos colegas, dos coordenadores de seminários e de minhas supervisoras nessa “viagem” rumo a minha própria subjetividade tem sido fundamental. Além disso, compreender que a transmissão da psicanálise é uma experiência que se dá através da transferência rompeu com a minha ideia inicial de buscar ingenuamente um novo corpo teórico para ampliar o meu entendimento do universo escolar, como se se tratasse de um conteúdo a ser assimilado através de leituras e discussões, e não como um processo de *vir a ser*. Parafraseando Raul Seixas (1973), “eu prefiro ser uma metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”. Sigo, então, precisando de fôlego, tempo, ousadia e companhia.

---

2 KEHL, M. R. (org.). **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

## REFERÊNCIAS

EIZIRIK, C. L. Alguns aspectos da formação analítica. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 48, n. 88, p. 53-65, dez. 2015.

FERRAZ, F. **Édipo, recusa e perversão**. 2018. Conferência apresentada na XXI Jornada Científica, do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Porto Alegre, 2018.

FRANCISCHELLI, L. A. Notas sobre formação. *In*: SOUTO, V. F. (org.). **Formação psicanalítica: fatos e versões**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2010. p. 143-149.

FREUD, S. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 13-151. (Edição standard brasileira, 10).

FREUD, S. (1950 [1895]). Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 381-456. (Edição standard brasileira, 1).

HAUSEN, D.; PAIM FILHO, I. O exercício clínico faz diferença na leitura teórica?. *In*: SOUTO, V. F. (org.). **Formação psicanalítica: fatos e versões**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2010. p. 130-142.

LEITE, L. A Narciso e de volta a Édipo: Pai, não nos deixeis cair em tentação. *In*: DEGANI, R. *et al.* (org.). **A analista grávida**. Porto Alegre: Artes e Ecos, 2020. p. 181-190.

MENEZES, L. C. A psicanálise, um estranho no ninho. **Cult**, São Paulo, v. 23, n. 253, p. 6-12, jan. 2020.

RUBIN, L. **Dança das cadeiras**. 2019. Trabalho apresentado à II Jornada dos Membros Provisórios: marcas da formação, do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Porto Alegre, 2019.

SEIXAS, R. (1973). **Metamorfose ambulante**. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (3 min 51 s). Publicado pelo canal Raul Seixas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CmB4sfoZkwo>. Acesso em: 4 out. 2020.